



10 anos sem APARTHEID

As regras inflexíveis do Apartheid regeram a República da África do Sul durante boa parte do século 20. Numa nação em sua maioria constituída por negros, prevaleceu por décadas um regime de segregação racial que discriminava quase a totalidade da população do país. Com raízes que remontam ao século 17, o Apartheid estabeleceu-se oficialmente na década de 1940, com a chegada ao poder do Partido Nacional, representante direto dos africânderes (brancos de origem holandesa). A partir daquele momento, a exclusão racial, social e territorial tornaram-se legítimas perante a legislação local, dando



continuidade à secular exploração econômica estabelecida pelos europeus durante a partilha da África. Felizmente a situação começou a ruir em meados dos anos 80, combatida sobretudo por manifestações, boicotes e pressões

internacionais. O Apartheid (que na língua africana quer dizer "separatismo") enfim foi extinto em 1994, com as eleições gerais que levaram Nelson Mandela à presidência. Em seu discurso de posse, o grande líder negro, uma das figuras mais marcantes do século passado, prometeu lutar por uma África do Sul humana e justa. Mas o que aconteceu após uma década de democracia?

Dez anos se passaram e a república sul-africana, que ficou conhecida como a "nação arco-íris" por causa de sua diversidade etno-linguística, apresenta hoje a economia mais desenvolvida do seu continente. Um feito e tanto num território onde a miséria predomina por todos os lados. Destacam-se, principalmente, as atividades minerais (como a extração de platina, manganês, cromo, ouro e diamantes), a produção de veículos e o cultivo de alimentos tropicais, entre eles milho, açúcar, frutas e vegetais.

A população respira ares de democracia.

Recentemente reelegeu para o segundo mandato o presidente Thabo Mbekí.

Porém uma parcela considerável da população ainda vive em "estado de



apartheid", no qual negros e brancos permanecem separados por uma muralha de diferenças socioeconômicas. Atualmente a taxa de desemprego alcança patamares elevadíssimos, contribuindo para que metade dos habitantes sobreviva abaixo da linha de pobreza. Parte desse contingente, claro, é de origem negra. Mesmo com a adoção de leis que defendem uma maior integração dessa mão-de-obra ao mercado de trabalho, muitos empresários alegam que não contratam os locais devido à baixa qualificação técnica que apresentam. Vale lembrar que até o fim do Apartheid somente a população branca tinha acesso às melhores escolas...

A exclusão a que muitos negros, mestiços e asiáticos estão sujeitos no país



potencializou, naturalmente, o crescimento dos índices de criminalidade. Surgem cada vez mais gangues de rua, quase sempre concentradas nas periferias das grandes e miseráveis cidades. Como resultado de toda essa situação, o Índice de Desenvolvimento Humano caiu de 0,70 em 2000 para 0,67 em 2003.

Criado em 1990 para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o IDH combina dados como

educação, longevidade e renda da população para medir o grau de desenvolvimento de cada nação.

Como se isso não fosse o bastante, a África do Sul sofre uma calamidade sem precedentes em relação à saúde. Nada menos do que 10% da população (aproximadamente 4,5 milhões de habitantes) está infectada com o vírus da Aids. Cerca de 25% das mulheres grávidas são soropositivas. E a esperança de vida dos cidadãos declinou vertiginosamente. Hoje mais de 300000 crianças são órfãs: seus pais morreram por causa do HIV. Parcela considerável dos jovens, desiludidos com a vida que levam, desviam-se para as drogas e o crime. "Para que trabalhar se eu sei que vou morrer antes dos 50 anos?" é o que muitos costumam dizer quando questionados sobre o futuro. Toda essa grave situação fortalece uma reação em cadeia de grande impacto negativo na escala produtiva. Dizima parte da força de trabalho e obriga o governo local a gastar verbas significativas para minimizar o problema da saúde pública.

Como consolo, os sul-africanos receberam a notícia de que seu país será a sede da primeira Copa do Mundo de futebol no continente. O evento está programado para ocorrer em 2010. Mesmo longe do poder, o ainda influente Nelson Mandela declarou a vários jornais que o evento esportivo é um presente pelos dez anos de democracia na África do Sul. Sem dúvida, espera-se que um grande acontecimento como esse possa injetar novo ânimo ao povo que ainda sofre as sequelas do Apartheid. Provavelmente a festa do futebol será feita com maestria, beleza e alegria elementos, aliás, típicos da população daquele país. Porém a Copa do Mundo dura apenas um mês. E depois?

